



Caipira, Mulata, Simpatia e Gay: reflexões sobre gênero, raça e sexualidade nos concursos de miss das festas juninas em Belém – Pará.

Rafael da Silva Noletto*

RESUMO

Anualmente, a cidade de Belém (PA) se torna palco para as apresentações de inúmeros grupos de quadrilhas juninas, que compõem a programação das festas de São João realizadas na cidade. Estas festas são marcadas por diversos concursos de dança (financiados pelos poderes públicos ou promovidos por lideranças e/ou associações culturais das periferias de Belém) que visam escolher as melhores apresentações coreográficas de quadrilhas durante o período das festas juninas. Paralelamente aos concursos de quadrilhas, ocorrem também os concursos de miss, que estão subdivididas nas categorias Miss Caipira, Miss Mulata (ou Miss Morena Cheirosa), Miss Simpatia e Miss Gay (ou Miss Mix). As “misses”, como são popularmente conhecidas, são dançarinas que possuem *status* diferenciado dentro de uma quadrilha junina, pois são as principais representantes destes grupos coreográficos e, por este motivo, disputam títulos de reconhecimento que estão diretamente relacionados à avaliação de sua beleza, seu figurino e suas habilidades em dança. Antes de cada quadrilha se apresentar para um júri especializado, as “misses” que a representam dançam e investem na conquista de um título correspondente à sua categoria. Entretanto, a Miss Gay é a única que não dança caracterizada como tal junto com sua respectiva quadrilha, mas possui um concurso específico para sua categoria realizado em data diferenciada. Este trabalho visa problematizar questões relativas a gênero, raça e sexualidade que estão imbricadas nesses concursos de miss, atentando para como a articulação de marcadores sociais da diferença está diretamente relacionada com a lógica de produção desses concursos.

Palavras-Chave: Festas Juninas. Gênero. Raça. Sexualidade. Concursos de beleza.

INTRODUÇÃO

* Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/USP); Pesquisa financiada pela CAPES; rafaelnoletto@usp.br

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



muitas vezes criam relações de reciprocidade e solidariedade, facilitadas pelo fato de que possuem *status* individualmente diferenciado e reconhecido no interior de sua quadrilha.

Não obstante, há uma quarta categoria de miss para a qual existe um concurso específico, realizado em data à parte, e desvinculado dos concursos de quadrilha: a miss gay ou miss mix. Em geral, trata-se de um homem homossexual, travesti, transgênero, mulher transexual que figura em uma quadrilha como *brincante* (ou seja, um dos componentes da quadrilha) e que, no dia do concurso de Miss Gay ou Mix, disputa o título de melhor miss em sua categoria, representando a quadrilha para a qual dança ou com a qual possui algum tipo de vínculo.

Após expor, muito resumidamente, o contexto empírico de minha pesquisa, compartilho alguns pontos teóricos centrais que devem orientar as reflexões de minha tese de doutorado. É necessário mencionar que este trabalho, inserido nos campos teóricos da antropologia e dos estudos de gênero e sexualidade, identifica-se com pesquisas recém-publicadas (ou ainda em processo de publicação)² cujo foco é a discussão de como a articulação de conceitos relativos aos marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe, sexualidade e geração) pode engendrar ideais performativos de masculinidade e feminilidade em concursos de beleza (e de performance). Assim, afino-me à perspectiva de observação de autoras como Marcia Ochoa (2014), que, analisando concursos de beleza (feminina e transexual) na Venezuela, percebe como esses certames forjam um ideal de feminilidade nacional, que é projetado em um contexto transnacional com o auxílio de um grande aparato midiático.

² Refiro-me à recente publicação do trabalho de Marcia Ochoa (2014) sobre como os concursos de miss e de beleza “trans” na Venezuela produzem feminilidades atreladas a certa noção de modernidade e identidade nacional. Destaco também a pesquisa de Silvana Nascimento (2013), ainda não publicada e realizada no estado da Paraíba (Brasil), acerca dos circuitos gays e transexuais da prostituição, dos concursos de beleza e da articulação política através do Movimento LGBT. Partindo da perspectiva da antropologia urbana, a autora avalia estes três circuitos (e, particularmente, destaco os concursos de beleza gay e trans) como importantes veículos propulsores da circulação dessa população LGBT pelos contextos urbanos brasileiros e internacionais.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Para Ochoa (2014), estes concursos, de alguma forma, projetam as feminilidades que produzem num imaginário urbano e contemporâneo. Em parte, estas imagens do feminino figuram como representações de certa identidade nacional venezuelana na contemporaneidade.

Devo mencionar ainda que esta análise pressupõe que os concursos de dança e beleza aqui analisados produzem o significado próprio daquilo que é considerado belo a partir de parâmetros e avaliações estéticas que sobressaltam, empiricamente, a articulação de marcadores sociais da diferença tais como gênero, raça, geração, classe social e sexualidade. Inspiro-me em uma vasta literatura dos estudos de gênero e sexualidade, com diversas discussões estabelecidas por autoras tais como Bederman (1996), Brah (2006 [1996]), McClintock (2010 [1995]), Stolke (2006 [2003]), Moutinho (2004a; 2004b; 2006) e Piscitelli (2008), que problematizaram o uso desses marcadores como eixos de produção da diferença utilizados como vetores que engendram certas hierarquias sociais. Assim, é possível dizer que esta análise visa contemplar uma abordagem interseccional dos marcadores sociais da diferença com o intuito de problematizar como certas estruturas de poder são engendradas para produzir matrizes de desigualdade social. Afino-me, então, à perspectiva de que “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006 [1996], p. 351). É importante notar, neste caso, como as categorias “raça”, “gênero”, “sexualidade” e “classe” estão articuladas entre si, existem *em* relação a si e *através* dessa relação – ainda que de maneira contraditória, às vezes conflitante e sem uma articulação de perfeito encaixe entre elas (MCCLINTOCK, 2010 [1995], p.19).

Expostos os parâmetros teóricos que balizam este paper, insiro agora nesta discussão, alguns dados etnográficos para reflexão. Há dois marcadores de diferença que se sobressaem nestes concursos: gênero e raça. Se, de um

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



misses são mais “brutas” e dançam coreografias com movimentos percebidos como mais “pesados”. Possuem a incumbência de “levantar” a torcida das plateias, mostrando a garra de sua quadrilha. Finalmente, as misses da categoria simpatia configuram-se como um estágio inicial para a carreira de miss. Executam movimentos considerados mais “leves” e menos complexos, devem “encantar” o corpo de jurados que analisa os concursos e tem a missão de empreender uma sedução pueril em relação ao público presente, exibindo sorrisos e movimentos que são, simultaneamente, maliciosos e infantis. Dentre todas as misses, a miss simpatia é, quase sempre, a mais jovem.

Com relação à categoria gay/mix, percebi, em campo, que as expectativas que se mantêm em relação aos sujeitos homossexuais, transgêneros, travestis ou transexuais que disputam os títulos de miss são bem próximas das exigências coreográficas que são direcionadas para as miss mulatas. De acordo com a maioria dos discursos que pude ouvir e registrar em campo, meus interlocutores afirmam que as miss gay/mix possuem uma “força” que pode ser comparada ou equiparada às miss mulata, o que masculiniza a mulher “negra” (ou não “branca”) e não reconhece a feminilidade das misses gays/mix.

Ressalto ainda o fato de que muitos sujeitos homossexuais e/ou trans do universo quadrilheiro são coreógrafos de inúmeras *misses* (mulheres ou gays/mix) que dançam nos concursos juninos, estabelecendo com elas uma relação dialógica através da qual ensinam e aprendem atributos de feminilidade, mobilizando, inclusive, marcadores raciais como elementos que reforçam a beleza, a densidade e a sensualidade de suas coreografias. Assim, a feminilidade é adquirida e aprimorada coreograficamente a partir de complexos movimentos de dança, que conferem a estas *misses* a possibilidade de se constituírem como mulheres.

Outro aspecto relevante é o fato de como os concursos de miss produzem noções de “raça” e “etnicidade”. Na opinião da maioria das

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



performatizam em cena⁵. Se as candidatas veem como um diferencial a adoção de uma fantasia cujo tema é representativo de algo “exótico”, “amazônico” e racialmente marcado como “moreno”, “negro” ou genericamente “indígena”, tal diferença acaba se diluindo no conjunto de fantasias que carregam, igualmente, temáticas cujos conteúdos são semelhantes. Assim, os jurados ficam diante de uma gama de candidatas que optam pelo “exotismo”, em certa medida, racializado, aumentando o grau de concorrência entre elas. Neste sentido, além do investimento em aspectos culturais entendidos como “amazônicos”, “indígenas” ou “exóticos”, as candidatas investem ainda na representação ressignificada e modernizadora de uma identidade “cabocla”, uma categoria classificatória móvel, que traduz um amálgama entre mestiçagem e etnicidade vinculado ao estereótipo do atavismo, alocando sujeitos que não podem ser classificados racialmente nem como “negros” nem como “indígenas” e muito menos como um grupo étnico específico⁶.

Dessa maneira, é possível inferir que os concursos de beleza e de performance cênica, em seus mais variados formatos, operam ativamente na construção de parâmetros definidores do belo a partir da articulação de concepções próprias relacionadas aos marcadores sociais da diferença tais

⁵ Em artigo que problematiza a categoria racial e de gênero “mulata”, Mariza Corrêa (1996) discorre acerca de como essa classificação de cor é pensada num imaginário social como um elemento que sexualiza a raça e racializa o gênero.

⁶ Inspiro-me em Rodrigues (2006, p. 126-127) quando analisa o uso da classificação “caboclo” como uma categoria contextual, ligada ao estereótipo do suposto “atraso” social/cultural/intelectual das populações amazônicas. De acordo com a autora, “a categoria caboclo não é apenas uma categoria relacional, mas antes de tudo, intersticial, intervalar, categoria mediadora entre o dentro e o fora, o interior e o exterior, e não pode ser apreendida em termos de descontinuidades e rupturas, conceituais ou práticas, entre um espaço regional e um tempo colonial, e os espaços e tempos pós-coloniais, translocais ou transnacionais. Mas, ainda que, conceitualmente, imprecisa e politicamente não-situada, deslocada entre fronteiras e margens, exatamente por isso pode permitir melhor o exercício de auto-reflexividade sobre o contexto amazônico e a constituição de seus sujeitos” (RODRIGUES, 2006, p. 128). Em publicação mais recente, Castro (2013) problematiza a categoria “caboclo” como uma anti-identidade, isto é, uma identidade denegada que foi forjada a partir de discursos materializadores de uma violência simbólica que institui os caboclos como sujeitos sociais na Amazônia.

